

# SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XIII, Nº 09 – 2009, SETEMBRO  
Assinatura até 31.12.09: 04 selos postais de 1º Porte Nacional  
Não-comercial (R\$ 0,65) ou informe seu e-mail para remessa mensal grátis.

Delicie-se com obras mestras de Contos e Poesias!  
[www.haicu.sf.nom.br](http://www.haicu.sf.nom.br)

Sempre que hundo la mente em livros graves  
la saco con un haz de luz de aurora:  
yo percibo los hilos, la juntura,  
la flor del Universo: yo pronuncio  
pronta a nacer una inmortal poesía,  
no de dioses de altar ni libros viejos,  
no de flores de Grecia, repintadas  
con menurjes de moda, no con rastros

José Julián Martí 1853-1895, Siempre que hundo la mente...  
Versos Libres, José Martí Poesía Completa, Tomo I,  
Editorial Letras Cubanas, La Habana, Cuba, 1985

Lívida madrugada em mes de enero.  
Rezo, soñando, oficios de agonía.  
Mi padre en hora tal se me moría,  
sin un gemido, así, como un cordero.

No pude recoger su adiós postrero.  
Al acordar pensé que aún dormía.  
– Despiértalo – mi madre me decía.  
– Déjalo madre descansar, primero.

Radiante estaba la naturaleza:  
en todo el mismo abismo de belleza,  
ni débil nube en el celeste velo...

Y vi, y aún lo recuerda mi memoria,  
como Elías en carro azul de gloria,  
el alma de mi padre, en triunfo, al cielo.

Augusto dos Anjos 1884-1913, A Mi Padre Muerto

Pues que todo acabó, te mando ahora  
los pasaportes de la despedida:  
una rosa ya toda ennegrecida,  
una sombra de flor, mustia, inodora.

Y tu retrato, que se decolora  
tal cual de mustia se quedó mi vida,  
en que apareces de ángel revestida  
en tu primera comunión de otrora.

Te mando cartas, rizos... y te mando  
el guante que en tu mano tuvo el alma  
cuando... perdona ¡ni recuerdo cuando!

Mándame tu, es lo último que digo,  
aquel eterno ensueño, aquella calma...  
¡Manda mi corazón que está contigo!

Hermes Fontes 1888-1930, Variación

“– ¿De donde, caballero misterioso,  
vienes jinete, así, que me alucinas?  
¿Qué mañanas y tardes cristalinas  
atravesaste inquieto sin reposo?”

Al verlo remontando las colinas,  
el perfil pensativo y silencioso,  
así el hombre clamaba en ansia y gozo  
de verdades eternas y divinas.

¿Cómo es nuestro Dios? ¿Dolor y gloria,  
y el sueño y el amor? ¿Qué transitoria  
fuerza nos lleva, a la ilusión, el ser?

Y los hombres miraron, de repente,  
una nube de polvo en el poniente,  
y el caballero desaparecer.

Ronald de Carvalho 1893-1936, Polvo

Sonetos Brasileños, traducidos al español por D. Álvaro de Las Casas  
Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro 1938

Se há vinhos em nossas plagas  
que não conhecem rivais,  
é que a vindima que esmagas  
tem do imigrante os sinais.

Arlindo Tadeu Hagen, 0909  
O Patusco: Caixa Postal 95  
61600-970 – Caucaia, CE

Ergo um brinde... e faço festa  
aos que, honrando o seu dever,  
caminham de forma honesta  
nas vielas do poder!

Héron Patricio, 0908  
Trovia  
alu@mgalink.com.br

Em nossa Língua, a harmonia  
ora é força... ora é leveza:  
lembra o samba, na alegria;  
traz o fado, na tristeza...

Marina Bruna, 0908  
Fanal, Rua Álvares Machado 22, 1º  
01501-030 – São Paulo, SP

Na joeira, da retidão,  
da oficina, universal,  
muito calhau, de aluvião,  
passa por fino cristal...

Pedro Grilo, 0609  
O Pitiguari, Rua Guanabara 542  
59014-180 – Natal, RN

Somos um país de loucos  
com dois extremos brutais:  
fartura para bem poucos,  
miséria para os demais!

Pereira Albuquerque, 0908  
Binóculo  
ivonildodias@secrel.com.br

Liberdade, a tua essência  
sempre exerce este fascínio:  
– quem viveu tua existência  
não suporta o teu declínio..

Roberto Medeiros, 9704  
II Prêmio “Menestrel da Trova”  
UBT, Seção de Juiz de Fora

Ipês florescidos  
abrem a nova estação  
manhã de amarelo.

José Marins

Garoa no quintal  
os galhos do pessegueiro  
ainda sem flores.

José Marins

Nenhuma folha  
no pessegueiro da praça  
rósea floração.

José Marins

A chuva sem fim.  
O gramado ficou rosa  
com a cerejeira.

Sérgio Pichorim

Quirera no chão.  
No começo é amarela  
depois canarinhos.

Sérgio Pichorim

Pitangueira.  
Com pontinhos vermelhos  
já está pintada.

Sérgio Pichorim

Pétalas no chão.  
Mesmo as pequenas brisas  
fazem-nas correr.

Sérgio Pichorim

Feira de Haicais, <http://feiradehaicais.blogspot.com/>

## QUIDAIS DE PRIMAVERA



## TEMAS DA SAZÃO PRIMAVERA

Chamando a atenção,  
muitos pontinhos vermelhos  
anunciam sálvia.

Alba Cristina

O verde e o amarelo...  
no boné, orgulho do idoso...  
Semana da Pátria.

Anita Thomaz Folmann

Contemplo o jardim:  
crescem brotos de roseira.  
Como estão bonitos...

Djalda Winter Santos

Picada na mata.  
Entre galhos, escondido  
azulão no ninho.

Douglas Eden Brotto, Guim Ga

Céleres, levadas  
ao vento e tão transparentes...  
Bolhas de sabão!!!

Edel Costa

Em sua microempresa  
patrão dá um beijão na esposa.  
Dia da Secretária.

M. Ueda Moncam

Praça ensolarada.  
Casal passeia de mãos dadas...  
e um sabiá canta.

Maria Reginato Labruciano



## HAICUS E M FOLHA

Na curtida mesa,  
no Dia da Secretária,  
um buquê de rosas. G

Amália Marie Gerda

Um buquê de rosas.  
No Dia da Secretária  
sala perfumada. Q

Analice Feitoza de Lima

O sabiá canta;  
faz da mata um santuário  
de música e paz... G

Amália Marie Gerda

Feliz, saltitante.  
Nos galhos da laranjeira  
sabíá cantando. Q

Analice Feitoza de Lima

Farfalhar de galhos...  
Com bicos rubros, os pássaros  
namorando a amora... Q

Amália Marie Gerda

Computador novo,  
no Dia da Secretária.  
Presente do chefe. C

Angélica Villela Santos

Amoras pisadas.  
Algazarra de crianças  
pela casa inteira. Q

Analice Feitoza de Lima

Um fino licor  
na festa de casamento.  
Delícia de amora! C

Angélica Villela Santos

De volta ao seu ninho,  
o canto do sabiá  
enterre a tarde... C

Angélica Villela Santos

No galho do ipê,  
um sabiá canta alegre  
dando um show de graça. C

Argemira F. Marcondes

Com a boca roxa,  
de tanto comer amora,  
criança sorri. G

Argemira F. Marcondes

Flores sobre a mesa,  
no Dia da Secretária.  
Que bela homenagem! Q

Argemira F. Marcondes

Um vaso com flores  
no Dia da Secretária  
perfuma o escritório. A

Darly O. Barros

Amoras maduras  
atraem bandos de pássaros  
e o seu canto ecoa. G

Darly O. Barros

Em cima de um galho  
um casal de sabiás  
faz juras de amor... G

Darly O. Barros

Freguesa namora  
gritante cheirosso encanto  
da empilhada amora. Q

Fernando L. A. Soares

Pungente vem cá  
da criança ecoando distante  
até ao sabiá? Q

Fernando L. A. Soares

Vão comendo amoras  
antes de amadurecerem.  
Fazendo caretas. Q

Flávio Ferreira da Silva

Causou frustração  
no Dia da Secretária.  
Faltou ao serviço. Q

Flávio Ferreira da Silva

Ficou mui feliz  
no Dia da Secretária.  
Patrão deu aumento. Q

Flávio Ferreira da Silva

Ninguém mais falando:  
faz-se silêncio no grupo.  
Canta o sabiá. G

Manoel F. Menendez

O menino  
lambuzado de amoras.  
Risos dos companheiros. Q

Manoel F. Menendez

Sobre a mesa  
um cartão e uma rosa.  
Dia da Secretária. Q

Manoel F. Menendez

Quintal da casa,  
mãos e caras lambuzadas:  
amoras maduras. G

Neuza Pommer

No galho da árvore  
bem perto do ninho  
canta o sabiá. G

Neuza Pommer

Em cima da mesa,  
no Dia da Secretária,  
um buquê de flores. A

Renata Paccola

No meio da aula,  
canto livre dos sabiás  
distrai os alunos. G

Renata Paccola

Quatro da manhã:  
mais pontuais do que o cuco,  
cantam sabiás. G

Renata Paccola

O hocu era e é a partida para o encadeamento de estrofes conhecido como haicai, e nada tem a ver com os demais tercetos ou duetos deste.

O hocu (literalmente *estrofe inicial*), devido a sua função no encadeamento, era e é um terceto aberto. Considero o haicu com seus mesmos princípios, e contendo um corte no texto, a mais antiga poesia moderna do mundo.

O haicu deve ser feito *no momento da ocorrência*, dando destaque ao quigo (palavra da sação), *seu único principal motivo*: é um instantâneo filmado em palavras. Quanto mais excluirmos

pensamentos, explicações, conclusões, opiniões, adjetivos, alterações nos seus substantivos, etc., mais aperfeiçoaremos sua feita na metragem 5-7-5 ou menos. Fazer *certo* este aparente fácil entendido, *só persistindo*. Pratique sempre.

Vamos lá, comece já! Num Quadro Final (análise dos votantes e votados do mês), à parte, orientaremos sobre os tercetos de Haicus em Folha, visando o aperfeiçoamento quanto a melhor percepção para os mesmos.

## SELEÇÕES MENSAS FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Até o dia 30.09.09, enviar até 3 haicus de quigos: Chuva de verão, Cigarra, Dia do salva-vidas..  
Até o dia 30.10.09, enviar até 3 haicus de quigos: Água de coco, Caracol, Flamboiã..

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez

Rua Des. do Vale 914, Apto. 82  
05010-040 - São Paulo, SP

ou

mfmendez@superig.com.br

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio e/ou e-mail com nome, **endereço** e **CEP** do remetente, até o dia 30 do respectivo mês.

2. Posteriormente o haicuista receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

3. A folha conterá o nome do haicuista selecionador (em cima e à direita do papel) e, em seguida, um abaixo do outro, o número e o texto de cada haicu assim escolhido. Não se escolherá haicus de própria lavra, pois serão anulados, bem como os que forem destinados a haicus cujo autor deixar de votar.

4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado por volta do dia 10 do mês seguinte.

O D I A B O A D V O G A D O

Yara Maria Camillo, Contos Populares Espanhóis, 2005 – Gentileza de Látvia Lacerda Menendez

Dois amigos caminhavam por uma estrada quando, ao dobrar uma curva, encontraram Deus e o Diabo pedindo esmolas. Um deles deu esmola somente a Deus. Mas o outro deu uma peseta a Deus e um cêntimo ao Diabo.

Mais tarde, um dos rapazes comentou:

– Você não devia ter dado aquele cêntimo ao Diabo. Só Deus merece nossa compaixão.

– É que naquela hora me lembrei de um provérbio da terra onde nasci. Eu o ouvia com frequência, quando criança.

– E que provérbio é esse?

– “Deus é bom... Mas o Diabo não é mau.”

Os dois amigos riram. Um, por recordar o provérbio. Outro, por achá-lo divertido, embora impróprio.

– Quem será que inventou isso?

– Quem sabe? Esse dito vem atravessando séculos e gerações. Mas é possível que seu autor quisesse ficar em paz com os dois lados: o Bem e o Mal.

Algum tempo depois, o rapaz que dera esmola ao Diabo foi cumprir o serviço militar. Um dia, em que estava faminto e sem um cêntimo sequer, foi até a taberna que ficava ao lado do quartel e pediu ao proprietário que lhe desse dois ovos cozidos. Disse que pagaria a conta assim que recebesse um dinheiro que sua família lhe prometera.

O taberneiro concordou, bastante contrariado, como fazem os comerciantes quando um freguês pede crédito. Disse-lhe que não demorasse a pagar, pois, do contrário, levaria o caso à polícia.

O rapaz garantiu que logo acertaria sua conta.

Vários dias se passaram. O dinheiro não chegou. O pobre soldado continuava a passar fome, pois a comida que serviam no quartel, além de mal feita, era escassa.

Depois de um mês, o taberneiro, cansado de esperar que o soldado lhe pagasse, deu parte dele à polícia.

O soldado recebeu uma intimação, com a data de seu julgamento e um conselho: que procurasse um bom advogado.

Arrasado, pois não via como escapar daquela encrenca, o soldado foi ao bosque, para ver se conseguia se distrair um pouco. Não entendia a demora de sua família em enviar o dinheiro, que era sua última esperança de se livrar da cadeia. Pois, se não pagasse ao taberneiro até o dia do julgamento, certamente seria preso.

Imerso nesses pensamentos, o soldado continuava seu passeio pela trilha do bosque. De repente, um homem muito elegante, vestido de preto, surgiu em seu caminho:

– O que aconteceu com você, rapaz? – perguntou. – Aonde vai, com essa cara de enterro?

– Tenho motivos de sobra para me sentir assim – o rapaz respondeu.

Num desabafo, contou-lhe sobre sua triste situação. O homem lhe era familiar, embora o rapaz não soubesse dizer de onde o conhecia.

O homem ouviu tudo com atenção e, por fim, procurou confortá-lo:

– Ora, vamos, não se deixe abater por isso.

– Você acha pouco ir para a cadeia por causa de uma dívida? – o rapaz protestou, aflito.

– Calma, para tudo nesse mundo existe uma solução. – E o homem perguntou: – Lembra-se daquele dia em que, andando por uma estrada com seu amigo, você se deparou com Deus e o Diabo?

– Sim – o rapaz respondeu, desanimado.

– Lembra-se que você deu uma peseta a Deus e um cêntimo ao Diabo?

– Sim, mas e daí?

– Daí que o Diabo sou eu. E como estou lhe devendo um favor, acho que vou aproveitar esta oportunidade para pagá-lo.

– Como?

– Serei seu advogado.

No dia do julgamento, o rapaz acordou muito bem disposto. Já não tinha medo do que poderia lhe acontecer. Afinal, o Diabo seria seu defensor.

O julgamento estava marcado para onze horas da manhã. O soldado apresentou-se no tribunal com trinta minutos de antecedência, muito calmo e confiante.

A todo momento olhava para a porta, na esperança de ver seu advogado de defesa. Mas, às onze horas, o Diabo ainda não havia chegado.

O juiz esperou até onze e meia. Como o defensor do acusado não chegasse, resolveu dar início ao julgamento assim mesmo.

O advogado do taberneiro exigia uma indenização que era uma verdadeira fortuna. Justificava esse argumento do seguinte modo: se o taberneiro não tivesse vendido fiado ao rapaz, talvez fosse, hoje, um homem rico... Pois os dois ovos, se chocados, resultariam, quem sabe, em duas galinhas, que por sua vez teriam posto mais ovos. Desses ovos nasceriam pintinhos, que se multiplicariam em dezenas, talvez centenas, de aves. Assim, o taberneiro teria prosperado até se tornar dono de uma enorme granja, ou mesmo de uma fazenda.

O advogado do taberneiro lamentou a sorte de seu cliente com tal veemência, que acabou convencendo o juiz a acatar o pedido de indenização.

Assim, o soldado foi condenado a pagar uma verdadeira fortuna ao taberneiro.

– Excelência... – disse ele, no auge do desespero. – Se não tive dinheiro para pagar dois ovos, como poderei arcar com essa indenização?

– Se ele não conseguir pagar de um jeito, que pague de outro – disse o advogado.

Mais uma vez, o juiz deu-lhe razão. E o rapaz foi condenado ao cárcere, por longo tempo.

Depois disso, o juiz declarou que a sessão estava encerrada. Então o defensor do soldado entrou na sala e anunciou que estava pronto para inocentar seu cliente.

A princípio, o juiz, por influência do taberneiro e seu advogado, recusou-se a ouvir aquele homem estranho, vestido de preto, que falou com eloquência:

– Como pode um julgamento ser válido, se o acusado não puder se defender?

Diante dessas palavras, o juiz voltou atrás e reabriu o caso. Voltando a sentar-se, ordenou ao desconhecido que falasse em favor do soldado.

O defensor tomou fôlego e disse:

– Cheguei atrasado a este tribunal porque tive de plantar uma roça de feijão... Até que não demorei muito para semear. Mas gastei um tempo imenso esperando que o feijão ficasse bem cozido, no ponto, para o plantio.

– Nunca ouvi tamanho disparate – disse o juiz. – Onde já se viu cozinhar grãos de feijão, para depois plantá-los? Você fez tudo às avessas, homem! Como pode um grão cozido germinar?

– Do mesmo modo que de um ovo cozido pode nascer um pintinho – respondeu o Diabo. – Dos ovos que meu cliente comprou nunca saíram frangos, ou galinhas. Portanto, não vejo motivos para o taberneiro sentir-se tão prejudicado. Meu cliente não deve pagar mais que o valor dos dois ovos e, quando muito, acrescido dos juros estipulados pela lei.

O taberneiro e seu advogado entreolharam-se, constringidos. O próprio juiz compreendeu que não havia como derrubar o argumento daquele estranho defensor. Assim, condenou o soldado a pagar apenas o preço dos ovos, com um pequeno acréscimo, a título de indenização.

O julgamento chegava ao fim. Agora o caso estava realmente encerrado.

Muito agradecido, o soldado apertou a mão de seu defensor, mas segredou-lhe ao ouvido:

– Você não vai acreditar, mas não tenho sequer um cêntimo para pagar a dívida.

Sem que ninguém percebesse, o Diabo passou-lhe algum dinheiro. Depois se despediu e, tão repentinamente quanto havia chegado, desapareceu.

O soldado pagou a dívida e ainda lhe sobrou uma quantia razoável. No mesmo dia, deu baixa no quartel. Depois empreendeu a viagem de volta para casa. Enquanto caminhava, ia pensando naquele provérbio típico do povoado onde nascera. Talvez não fosse digno de crença, mas, para ele, o provérbio não poderia parecer mais verdadeiro: “Deus é bom, mas o Diabo não é mau.”

## N O T Í C I A S D O C É U

Yara Maria Camillo, Contos Populares Espanhóis, 2005 – Gentileza de Látia Lacerda Menendez

Era uma vez uma viúva que voltou a se casar.

Certo dia, enquanto seu marido trabalhava, um mendigo manco bateu à porta e pediu uma ajuda.

A mulher, que gostava muito de conversar, perguntou-lhe de onde vinha. O mendigo, animado com a perspectiva de conseguir uma boa esmola, disse:

– Venho do Céu, com a permissão de Deus.

Quero ver se arranjo aqui na Terra algumas coisas que facilitem minha vida lá em cima.

A mulher reagiu surpresa:

– Quer dizer que os habitantes do Paraíso também passam necessidade?

– E como, senhora! – o mendigo exclamou. –

Nem mesmo no Céu existe igualdade de direitos. Lá, os que têm muito vivem melhor do que os que têm pouco... Exatamente como aqui.

A mulher ficou pensativa por alguns momentos.

Por fim, disse ao mendigo:

– Meu primeiro marido deve estar por lá, pois era um homem bondoso e sábio. Talvez o senhor o conheça.

– Talvez – o mendigo repetiu, com gravidade. – Como é o nome dele?

– Pello Bidegain – disse a mulher.

O mendigo sorriu:

– Claro, como não haveria de conhecê-lo se ele é justamente o meu melhor amigo!

– Que incrível coincidência! – a mulher exclamou encantada.

– Pois estou lhe dizendo, senhora. Lá em cima, eu e seu primeiro marido somos como unha e carne.

Ansiosa, a mulher pediu:

– Então, dê-me notícias de meu Pello Bidegain. Como é que ele está?

– Infelizmente, não muito bem – o mendigo respondeu, meneando a cabeça com uma expressão de pesar. – Para ser franco, Pello Bidegain anda em sérias dificuldades.

– Que tipo de dificuldades, senhor?

– Financeiras, senhora... Anda sempre mal

vestido e nunca tem dinheiro para nada, nem mesmo para as necessidades mais básicas.

– Pobre querido – a mulher murmurou. De súbito, teve uma idéia: – Diga-me, o senhor não poderia levar algumas coisas para ele?

– Claro que sim.

– Então, espere um minuto, por favor.

A mulher entrou em casa e logo voltou com muitos presentes para o falecido:

– Aqui estão dois pares de sapatos e algumas peças de roupa: calças, meias, camisas e também a boina da qual Pello Bidegain nunca se separava. O pobrezinho deixou tudo aqui, antes de ir para o Céu. Naturalmente nem de longe poderia imaginar que a vida lá em cima fosse tão parecida com a que levamos aqui na Terra...

– É mesmo, senhora. Ninguém adivinharia. – Então o mendigo perguntou: – A senhora não teria também algo de comer?

– Claro que sim. – E a mulher explicou: – Providenciei um pouco de toucinho, chouriço, queijo e alguns pães.

– Está ótimo, senhora. Aposto que Pello Bidegain ficará muito feliz. Mas, depois de se vestir condignamente e saborear todas essas delícias, com certeza desejará coroar a refeição com um bom vinho.

– E o senhor acha que já não pensei nisso? – Sorrindo, a mulher entregou-lhe três garrafas do melhor vinho que tinha em casa.

– Ah, minha senhora, Pello Bidegain ficará tão agradecido!

O mendigo guardou tudo num grande saco que trazia às costas. Já se preparava para ir embora, quando ocorreu-lhe uma nova idéia:

– A senhora não teria também algum dinheiro para mandar a Pello Bidegain?

– Pois era justamente nisso que eu estava pensando.

A mulher deu ao mendigo uma moeda de cinquenta pesetas e pediu:

– Entregue-a para ele, por favor. Diga-lhe que o

amo mais do que a qualquer outro homem, inclusive mais do que a Mikel, que é meu atual marido.

– Eu direi, senhora.

Assim, o falso enviado do Céu partiu, coxeando, curvado ao peso dos presentes que levava. Estava tão feliz, que até sentia vontade de dançar ao som de castanholas.

Enquanto isso, Mikel, o segundo marido da mulher, voltava para casa. Ao vê-lo, a esposa disse radiante:

– Você nem imagina o que aconteceu.

– O que foi? – o marido perguntou com estranheza. – Por que toda essa euforia?

– É que tive notícias de meu querido Pello Bidegain. Soube que ele está no Céu... Mas não tão bem quanto eu imaginava.

– Você diz cada disparate, mulher. O Céu é o lugar ideal para as boas almas que partiram deste mundo. Se Pello Bidegain foi para lá, não poderia ter melhor sorte.

– Acontece que a vida lá em cima é muito parecida com a vida aqui embaixo.

Intrigado, o marido perguntou:

– Mas, afinal, quem foi que lhe deu essa notícia?

– Um mendigo manco que desceu do Céu com a permissão do Senhor – a mulher respondeu. –

Aliás, ele foi muito gentil e aceitou levar algumas roupas, alimentos, vinho e dinheiro para Pello Bidegain, que está passando necessidade, pobrezinho.

Compreendendo o que havia acontecido, Mikel saiu de casa. Munido de um grande bastão, montou seu cavalo e já ia partir, quando a mulher gritou:

– Ei, aonde você vai?

– Também tenho um presente para aquele enviado do Céu – ele respondeu sem se voltar. – Mas preciso correr, se quiser alcançá-lo.

Enquanto galopava, Mikel ia pensando na surra que daria naquele mendigo mentiroso e aproveitador.

Mas o mendigo, astuto como uma raposa, já esperava por represálias. Caminhava pela estrada receoso e a toda hora olhava sobre os ombros para ver se alguém o seguia.

A certa altura, avistou um cavaleiro a galope, levantando uma nuvem de poeira.

Agindo com rapidez, o mendigo escondeu o grande saco atrás de uns arbustos e sentou-se à beira do caminho.

Quando Mikel o viu, fez com que o cavalo parasse e perguntou:

– Você não viu um mendigo manco, levando um enorme saco nas costas?

– Sim, senhor. Eu o avistei ainda há pouco. Percebi até que ele estava assustado, pois volta e meia olhava para trás e corria, arrastando a perna direita. E quanto mais olhava para trás, mais depressa o pobre diabo tentava correr. Por fim, acabou entrando naquela trilha cheia de espinheiros. Mas aposto que não conseguirá chegar muito longe, por ali. O senhor não terá dificuldade alguma em alcançá-lo.

– Acontece que a trilha é estreita demais para meu cavalo.

– Então vá a pé, senhor. E vá tranquilo, que eu tomarei conta do animal.

– Nesse caso, eu lhe agradeço.

Enquanto Mikel se embrenhava na trilha, o mendigo pegou o saco que havia escondido, pendurou-o na sela, montou o cavalo e partiu, congratulando-se com o destino. Decididamente, aquele era seu dia de sorte.

Horas depois, Mikel voltou para casa, triste e abatido. Mas fingiu-se muito calmo, até alegre, para que a mulher não o importunasse com perguntas que ele não gostaria de responder.

Ao vê-lo entrar, ela disse:

– E então? Conseguiu alcançar o mendigo?

– Claro.

– E o que foi que você lhe deu?

– O cavalo... Para que chegasse mais rápido ao Céu.